

AMOR LEVE: SOBRE A NECESSIDADE DE VÍNCULOS HUMANOS

LIGHT LOVE: ABOUT THE NEED FOR HUMAN BONDS

Daniel Péricles Arruda²¹

RESUMO: O título deste artigo faz alusão ao livro *Amor Líquido: Sobre a Fragilidade dos Laços Humanos*, do sociólogo e filósofo polonês Zygmunt Bauman (1925-2017). Nessa obra, Bauman faz análises sobre as fragilidades de vínculos nas relações sociais, discorrendo também sobre as influências das redes sociais e as instabilidades nas relações amorosas. É a partir deste último aspecto que este artigo objetiva refletir as certezas e incertezas existentes nas relações afetivas, considerando duas importantes questões: o amor e a solidão. Visa também analisar as demais peculiaridades que constituem os relacionamentos. Por isso, o uso da arte, em especial, composições e poesias, torna-se, aqui, elemento sublime e importante para se compreender a complexidade subjetiva das relações em nossa atual “modernidade líquida”. Percebe-se que a liquidez das relações tem clamado por um outro modo de amar, de se envolver e viver. Isto é, por um Amor Leve.

PALAVRAS-CHAVE: Amor; Relacionamento; Relações afetivas; Solidão.

ABSTRACT: The title of this article alludes to the book *Liquid Love: On the Fragility of Human Ties*, by the Polish sociologist and philosopher Zygmunt Bauman (1925-2017). In this book, Bauman analyzes the fragility of links in social relations, also discusses the influences of social networks and the instabilities in love relationships. It is from this last aspect that this article aims to reflect the certainties and uncertainties in affective relationships, considering two important issues: love and loneliness. It also aims to analyze other peculiarities that constitute the relationships. Therefore, the use of art, especially compositions and poetry, become, here, a sublime and important element to understand the subjective complexity of relations in our current "liquid modernity." It is perceived that the liquidity of relationships has called for another way of loving, of getting involved, of living. That is, for a Light Love.

KEYWORDS: Love; Relationship; Affective Relations; Loneliness.

²¹Doutor em Serviço Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – Brasil. Realizou estágio pós-doutoral em Psicologia Social na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – Brasil. Professor Adjunto da Universidade Federal de São Paulo – Brasil. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-8347-8215>. E-mail: periclesdaniel@yahoo.com.br.

1. Introdução: primeiras impressões

Relacionamento. Mais do que uma simples palavra, uma necessidade humana. Um movimento transformador e questionador. Um movimento importante para o desenvolvimento da vida. Uma construção não retilínea, que implica valores e oscilações. É uma ação desenvolvida de maneira concreta e subjetiva com o outro e do sujeito consigo. Uma forma de mediação com a vida, com a cultura.

Relacionamento não se refere apenas ao campo do conhecer, mas ao campo da convivência, da experiência, da memória e do aprendizado afetivo. Porém, nunca se sabe tudo. De acordo com Bauman (2004), pode ser compreendido como um terreno desconhecido, que se torna praticamente impossível tomá-lo em sua totalidade, devido às suas contradições e mutações relacionais, pois:

Em nosso mundo de furiosa “individualização”, os relacionamentos são bênçãos ambíguas. Oscilam entre o sonho e o pesadelo, e não há como determinar quando um se transforma no outro. Na maior parte do tempo, esses dois avatares coabitam – embora em diferentes níveis de consciência. No líquido cenário da vida moderna, os relacionamentos talvez sejam os representantes mais comuns, agudos, perturbadores e profundamente sentidos da ambivalência. (BAUMAN, 2004, p. 8).

A “individualização” tem sido um agravante que compromete os relacionamentos. Bauman (2004) não é contra e nem questiona o ato de relacionar-se, ao contrário, o ponto da reflexão está em reconhecer as ambiguidades e as contingências dos relacionamentos, os quais não estão e/ou não são isentos de conflitos, desafios, sentimentos ruins e situações desagradáveis, mas, comumente, são idealizados, quando se está fora deles. Percebe-se que a vida moderna pode ser líquida também em relação ao processo de “solidificação do capital”, da desvalorização do tempo para si e da fragilização e fragmentação da vida comum, da vida cotidiana, da vida afetiva e do modo de consumo.

Bauman (2004, p. 10) ainda afirma que “[...] os relacionamentos são como a vitamina C: em altas doses, provocam náuseas e podem prejudicar a saúde.” E chama a atenção para a importância da diluição antes do consumo. O mesmo processo compara-se aos relacionamentos. Além de diluídos e consumidos, conforme o autor, também são comparados aos automóveis, que passam [ou deveriam passar] por “revisões”, para verificar se tudo está bem. Da mesma forma são as relações, que devem [ou deveriam] passar por “manutenções periódicas”. Entretanto, há casos em que, por ser utilizada alguma peça inadequada e/ou conforme o modo de instalação, a revisão pode custar muito mais caro ou tornar o problema maior do que se imaginava. Às vezes, até mesmo as peças originais não resolvem o problema. Considerando, inclusive, que as condições climáticas e as situações das estradas interferem no desempenho dos carros. São questões que, metaforicamente, não estão distantes dos relacionamentos, possibilitando diversas associações. Considerando também os contextos, as imprecisões e as simbolizações que cada sujeito constrói em sua vida.

2. O real e o virtual

Na atualidade, há na sociedade um modelo de relacionamento que dispensa o contato físico, o chamado “olho no olho”. O real tornou-se virtual e o virtual agora é a forma real de relação. De acordo com Bauman (2004), “os relacionamentos de bolso” – *the cell phone and social networks* – têm propiciado um novo jeito de relacionar-se.

Algumas expressões do mundo virtual são utilizadas no mundo real, como a expressão “deletar”. Quando é deletado um arquivo no mundo virtual o caminho é a lixeira. Como isso funciona no mundo real? O que se observa é que virtual e real se fundiram e se tornaram um modo pelo qual é possível viver, mas não o suficiente.

Tal questionamento não tem a pretensão de culpabilizar as novas tecnologias pelas fragilidades dos vínculos humanos, mas chamar a atenção para o tema, visto que “diferentemente dos ‘relacionamentos reais’, é fácil entrar e sair dos ‘relacionamentos virtuais.’” (BAUMAN, 2004, p. 12-13).

As relações virtuais podem aumentar a defesa ou a exposição identitária até certo ponto, e apresentar outros leques de “escolhas” de pessoas para se relacionar; podem facilitar o discurso e permitir que a mentira seja verdade, as *fake news*, ou que a ilusão seja vivida; podem também possibilitar um “real-virtual”. As relações virtuais permitem criar o próprio “perfil”, e o sujeito mostra a sua imagem da forma que desejar. O sujeito pode parecer alegre o tempo todo por meio de fotografias e frases, mesmo vivenciando o contrário. Pode também comprar “curtidas” e programar suas postagens por meio de monetizações.

As relações virtuais são muito mais do que um meio de comunicação. É uma tecnologia de dois gumes, ou mais. As relações virtuais trazem comodidades; possibilitam a elaboração e a execução de algum trabalho em menos tempo; oferecem um “contato” com o “mundo”; são capazes de estimular sentimentos; e são formas de estabelecer relações, ou melhor, conexões. E as “conexões são rochas em meio a areias movediças.” (BAUMAN, 2004, p. 79). Mas também é um espaço de manifestações de conflitos reais da vida cotidiana; de provocações e difamações; bem como de vigilância, controle e ameaça entre pessoas.

3. O amor e a morte

Numa perspectiva reflexiva dos relacionamentos, Bauman (2004) discute no capítulo chamado “Apaixonar-se e Desapaixonar-se”, o amor e a morte e destaca a conhecida frase: “Até que a morte nos separe”. Uma expressão romântica, um desejo de união e fidelidade duradouras, mas, que, para Bauman, já caiu em desuso, ou seja, o que separa não é mais apenas a morte, e sim, o modo que se vive mediante determinadas situações.

Quanto tempo dura uma relação na cultura do “para sempre”? No Soneto de Fidelidade, Vinícius de Moraes expressa:

De tudo, ao meu amor serei atento.
Antes, e com tal zelo, e sempre, e tanto
Que mesmo em face do maior encanto.
Dele se encante mais meu pensamento.

Quero vivê-lo em cada vão momento.
E em seu louvor hei de espalhar meu canto.
E rir meu riso e derramar meu pranto.
Ao seu pesar ou seu contentamento.

E assim, quando mais tarde me procure.
Quem sabe a morte, angústia de quem vive.
Quem sabe a solidão, fim de quem ama.

Eu possa me dizer do amor (que tive):
Que não seja imortal, posto que é chama.
Mas que seja infinito enquanto dure.

(MORAES, 1983, p. 62).

O soneto costuma ser referência em ritos matrimônios, apesar da discordância de muitos sobre o seu último verso: “Mas que seja infinito enquanto dure.” O soneto por inteiro traz expressões e interpretações significativas. Ainda traz à tona o processo de mudança na vida prática em que o amor também se transforma, cabe-nos saber como, quando, por que e em que se transforma. Mas, nem sempre teremos respostas. Por essa razão o poeta anuncia que “Quero vivê-lo em cada vão momento.” O amor é movimento sobre o qual não temos total domínio de sua direção. Por isso, “Quem sabe a morte, angústia de quem vive. Quem sabe a solidão, fim de quem ama”.

Morin (2010) traz uma reflexão sobre o movimento de transformação da vida no que diz respeito à vida e à morte: “Morrer de vida, viver de morte”. Citando Heráclito, Morin afirma que o amor implica o movimento de regeneração constante para avivamento e manutenção da relação, mas há um limite: “Vivemos utilizando o processo de nossa decomposição para nos

rejuvenescer, até o momento em que isso não é mais possível. Acontece o mesmo com o amor, que só vive renascendo incessantemente.” (Morin, 2010, p. 24).

O autor considera, ainda, que o amor, por implicar a nossa corporeidade, envolve a palavra, porém, localiza-se, no mesmo instante, “enraizado em nosso ser metal, em nosso mito, que, evidentemente, pressupõe a linguagem e, nesse sentido, pode-se dizer que o amor decorre da linguagem.” (MORIN, 2010, p.17). O autor acredita também que:

O amor, simultaneamente, procede da palavra e precede a palavra. Trata-se de um interessante problema, uma vez que há culturas em que não se fala de amor. Mas mesmo nestas culturas, em que não se fala de amor e que o amor não emergiu enquanto noção, será que, verdadeiramente, não existe o amor? Ou será que sua existência decorre do não-dito? (Morin, 2010, p. 17).

Questões para pensar que, enquanto termo, o amor é uma nomeação de um sentimento compreendido como bom, forte. Mas há vários sentimentos com esses traços, então, como diferenciá-lo? A ideia do amor, *em nossa cultura*, não é a mesma em outras, inclusive, por considerar que as “culturas do amor” envolvem muitas expressões e transformações.

Para melhor compreender tais transformações, é pertinente analisar a experiência em trechos da composição *Drão*, de Gilberto Gil (1982): “Drão... O amor da gente é como um grão... Uma semente de ilusão... Tem que morrer pra germinar... Plantar nalgum lugar... Ressuscitar no chão... Nossa semente.”

O nome da música refere-se ao modo como era chamada a sua ex-esposa, Sandra Gadelha, *Sandrão*, *Drão*, composta em 1981, em menção à fase de separação, e que se tornou um dos maiores sucessos do cantor/compositor. Trata-se de uma composição profunda, inspirada em situações, lugares e gestos, antes de tornar-se letra e música, rica em detalhes e elaborações, uma exposição sensível de seu amor.

Na composição, o amor é comparado ao grão, nomeado também como “uma semente de ilusão”, como se fosse a origem do amor, guardando fantasias, expectativas e desejos. Mas é preciso “morrer pra germinar...”, para continuar existindo, para se transformar: “Plantar nalgum lugar... Ressuscitar no chão...”. O amor, como grão, é plantando e continua transformando-se, pois mesmo esse amor, que morre, não se acaba simplesmente, mas se transforma. Em outro momento da composição, Gil (1982) expressa: “Quem poderá fazer... Aquele amor morrer... Se o amor é como um grão... Morre, nasce trigo... Vive, morre pão... Drão!... Drão!”

A partir daí, como analisar a noção de “até que a morte nos separe” na modernidade líquida?

Bauman (2004, p. 19) explica que “[...] o desaparecimento dessa noção significa, inevitavelmente, a facilitação dos testes pelos quais uma experiência deve passar para ser chamada de ‘amor.’”

Tal questão articula-se com a poesia intitulada Tudo se Chama Amor, de Arruda (2011, p. 60):

O que é isso, hein?! Estão chamando bois de coelhos, vacas de jumentos, elefantes de camelos. O que estão fazendo com o amor?! O amor é de quem sente, cada um com o seu pente. Mas chamar e existir são pontos diferentes. Ambos podem ser presentes ou ausentes. Tudo se chama amor. E o amor vai se fazendo, vai se compreendendo. Quando ele chega já é tarde, há outros sentimentos com o seu disfarce.

A poesia supracitada faz uma crítica, não ao sentimento amor e nem às maneiras do sujeito expressá-lo, por compreender as idiosincrasias, as questões íntimas, os labirintos da mente humana e as múltiplas manifestações sentimentais. A poesia relaciona-se, sim, aos testes pelos quais uma experiência deveria passar; aos níveis de exigência mencionados por Bauman (2004), que deveriam aumentar o número de pessoas alcançando tais níveis do amor. Para o autor, esses níveis foram baixados e, assim, tudo é amor e/ou tudo pelo amor.

E o que poderia estar baixando os níveis de exigência para se chamar de amor? A carência? O medo de ficar sozinho/a? A incerteza? O idealismo relacional? A baixa autoestima? A ansiedade? A solidão?

4. Alguns significantes da solidão

Entre todas essas indagações, tomemos a solidão a qual não possui lugar certo para estar presente. A solidão, como uma questão emergente, muitas vezes, é mal interpretada. Cotidianamente, entende-se que estar sozinho é estar em solidão, e vice-versa. Somos más companhias para nós mesmos?

A solidão é uma companhia visível e invisível. Para entendê-la, é necessário saber de qual solidão estamos falando, como se constituiu e quais são os seus sentidos.

Tatit e Rosa (2013) analisam a solidão a partir do atendimento clínico com abordagem psicanalítica e identificaram que a solidão pode ser um modo de o sujeito expressar a sua singularidade. As autoras consideram que: “O sentimento de solidão parece ser um intervalo entre os discursos sociais que engolem o sujeito e que impõe a necessidade de sermos felizes e sociáveis. Em alguns casos se sentir só é um escape da singularidade.” (Tatit e Rosa, 2013, p. 137).

Já para Rainer (2009), a solidão não é tão negativa e sugere vivenciá-la, amá-la, pois temê-la seria fortalecê-la, uma espécie de “solidão alegre”, não como comodidade, mas como reflexão. Eis uma questão que merece ser destacada, pois a solidão é um sentimento que pode ser e/ou estar presente e ativo em vários tipos de relacionamentos.

A solidão engana os olhos, ou seja, nem sempre se dá pela falta de companhia; em muitos casos, acaba por ser uma escolha, uma imposição, uma condição, uma necessidade, entre outras razões. O fato de estar numa relação não implica anular a solidão. Há relacionamentos que produzem solidão. Nessa perspectiva, pode ser uma solidão coletiva, acompanhada, assistida,

naturalizada, não percebida ou ignorada. Questão importante é analisar a condição e a posição do sujeito ao vivenciá-la.

Nas relações amorosas, comumente, a solidão, principalmente em casos de término do relacionamento, é mais associada com a ausência do outro. A solidão costuma fazer o sujeito revisitar o passado, refletir os sentimentos e questionar a ausência/presença do outro, como se vê na música Oceano, de Djavan (1989): “Assim que o dia amanheceu, lá no mar alto da paixão. Dava pra ver o tempo ruir. Cadê você? Que solidão! Esquecera de mim”. Em outro momento da composição Djavan (1989) diz: “Vem me fazer feliz, porque eu te amo. Você deságua em mim, e eu oceano. E esqueço que amar, é quase uma dor.”

Na potência afetiva desses versos, verifica-se como o amor, ao questionar o seu momento: “Cadê você? Que solidão!”, apresenta um desejo, um pedido, acompanhado de uma justificativa: “Vem me fazer feliz, porque eu te amo”. E a alusão ao oceano, termo que se tornou ícone de identificação do disco, lançado em 1989, Djavan, ficou assim reconhecido pelo público. A “liquidez” dessa metáfora relacionada ao “deságue” do ser amando, a entrega, proporcionaria a expansão do sentimento, mesmo o compositor reconhecendo e dizendo: “E esqueço que amar é quase uma dor.”

Em Flor de Lis, de Djavan (1976), encontra-se um momento de entendimento, indagação, conhecimento e hipóteses:

Eu sei que o erro aconteceu, mas não sei o que fez, tudo mudar de vez. Onde foi que eu errei? Eu só sei que amei, que amei, que amei, que amei. Será talvez, que minha ilusão, foi dar meu coração, com toda força, pra essa moça, me fazer feliz, e o destino não quis, me ver como raiz, de uma Flor de Lis...

Relações amorosas não contêm apenas coisas boas e agradáveis; as composições de Djavan (1976 e 1989) assim o mostram. Tais relações não podem e não conseguem ser blindadas, em razão de lidarmos com questões

incontroláveis e que fogem à nossa capacidade de ação. Por isso, as narrativas, as perguntas, as hipóteses, as expressões poéticas, corroboram para apreendemos os significantes da solidão.

Esses aspectos estão na esteira do que apresenta Bauman (2004, p. 30), ao considerar que a “A solidão produz insegurança – mas o relacionamento não parece fazer outra coisa. Numa relação, você pode sentir-se tão inseguro quanto sem ela, ou até pior. Só mudam os nomes que você dá à ansiedade.”

5. O valor do dinheiro nas relações não econômicas

Os relacionamentos são construídos na convivência, no cotidiano; não somente podemos nos descobrir, mas produzir e reproduzir histórias. Os relacionamentos demandam atitudes que são compreendidas como investimentos, por considerar que o sujeito:

[...] entrou com tempo, dinheiro, esforços que poderia empregar para outros fins, mas não empregou, esperando estar fazendo a coisa certa e esperando também que aquilo que perdeu ou deixou de desfrutar acabaria, de alguma forma, sendo-lhe devolvido – com lucro. (BAUMAN, 2004, p. 28).

A comparação dos relacionamentos com uma transação comercial faz sentido em nossa modernidade líquida. Porém, é necessário cuidado no processo de elucubração dessa lógica, pois, numa transação comercial, pode ser mais assertiva a resolução de um problema por razões que envolvem dinheiro. Assim, o dinheiro, de um lado, pode ser um problema, mas, do outro, solução. É linear. Exato.

Nos relacionamentos, não ocorre a mesma dinâmica. Nos relacionamentos o dinheiro pode ocultar ou revelar situações. Pode configurar um problema financeiro na relação ou um problema financeiro da relação. Tê-lo, ou não, nem sempre é garantia de estabilidade sentimental, e, nem sempre, a causa da origem das desavenças. Casais e familiares podem tê-lo como motivo

falseador de conflitos. Ademais, pode ocorrer a falta e a presença do dinheiro numa mesma relação-problema. Conflitos que podem aparecer com mais frequência no período de pagamento ou de declarar o Imposto de Renda. “*O que é meu é seu*” não é muito diferente da frase “*até que a morte nos separe*”.

Vivemos na era das incertezas. Certamente, os relacionamentos exigem investimentos, mas investir e receber são dois polos diferentes, num mesmo espaço. Bauman (2004, p. 30), novamente, enfatiza que:

Investir no relacionamento é inseguro e tende a continuar sendo, mesmo que você deseje o contrário: é uma dor de cabeça, não um remédio. Na medida em que os relacionamentos são vistos como investimentos, como garantias de segurança e solução de seus problemas, eles parecem um jogo de cara-ou-coroa.

Nessa lógica, “quanto menor a hipoteca, menos inseguro você vai se sentir quando for exposto às flutuações do mercado imobiliário futuro; quanto menos investir no relacionamento, menos inseguro vai se sentir quando for exposto às flutuações de suas emoções futuras.” (BAUMAN, 2004, p. 37).

6. *As turbulências do/no amor*

Bauman (2004, p. 40), considera que “Os problemas não terminam quando os casais passam a viver juntos. Os quartos compartilhados podem ser um local de alegria e diversão, mas raramente de segurança e sossego.” Por isso, acredita que para relacionar-se é preciso coragem e humildade. Essas seriam algumas das exigências para se ingressar num local “desconhecido”: o amor. Podem ser acrescentadas outras exigências, como a capacidade de se entregar sem se perder e a capacidade de ceder.

Para Bauman (2004, p. 36), “é exatamente isso que faz o amor: destaca *um* outro de ‘todo mundo’, e por meio desse ato remodela ‘um’ outro transformando-o num ‘alguém bem definido.’” Na sequência, considera que “amar significa manter a resposta pendente ou evitar fazer a pergunta.

Transformar *um* outro num alguém *definido* significa tornar indefinido o futuro. Significa concordar com a indefinibilidade do futuro.” (BAUMAN, 2004, p. 36).

No cenário atual, o que causa a separação, inicialmente, é a morte afetiva, a morte de valores, o distanciamento, o rito processual. Porém, pode-se estar separado morando na mesma casa e até mesmo dormindo na mesma cama:

A arte de *romper* o relacionamento e dele emergir incólume – com poucas (se é que alguma) feridas infeccionadas que exijam muito tempo para cicatrizar e muito cuidado para se evitar os “danos colaterais” (tais como o afastamento de amigos, ou o surgimento de círculos nos quais não se é bem-vindo ou em que se preferiria não entrar) – bate de longe a arte de *constituir* relacionamentos, pela pura frequência com que se expressa. (BAUMAN, 2004, p. 39).

A narrativa poética *Separação*, de Affonso Romano de Sant’anna, contribui com essa reflexão:

Desmontar a casa e o amor. Despregar os sentimentos das paredes e lençóis. Recolher as cortinas após a tempestade das conversas. O amor não resistiu às balas, pragas, flores e corpos de intermeio. Empilhar livros, quadros, discos e remorsos. Esperar o infernal juízo final do desamor. Vizinhos se assustam de manhã ante os destroços junto à porta: - pareciam se amar tanto! Houve um tempo: uma casa de campo, fotos em Veneza, um tempo em que sorridente o amor aglutinava festas e jantares. Amou-se um certo modo de despir-se de pentear-se. Amou-se um sorriso e um certo modo de botar a mesa. Amou-se um certo modo de amar. No entanto, o amor bate em retirada com suas roupas amassadas, tropas de insultos, malas desesperadas, soluços embargados. Faltou amor no amor? Gastou-se o amor no amor? Fartou-se o amor? No quarto dos filhos outra derrota à vista: bonecos e brinquedos pendem numa colagem de afetos natimortos. O amor ruiu e tem pressa de ir embora envergonhado. Erguerá outra casa, o amor? Escolherá objetos, morará na praia? Viajará na neve e na neblina? Tonto, perplexo, sem rumo, um corpo sai porta afora com pedaços de passado na cabeça e um impreciso futuro. No peito o coração pesa mais que uma mala de chumbo. (SANT’ANNA, 2003, p. 10).

Não tomemos o pensamento de Zygmunt Bauman como uma profecia do mal ou como um construto pessimista. O/a leitor/a deve ter se identificado com muitas questões abordadas neste artigo, ou questionado algumas passagens

que não foram trazidas aqui como máximas, ou verdades universais, mas como questões emergentes e reflexivas. Consideram-se, portanto, as outras formas de analisar os conflitos nas relações amorosas e/ou a tentativa de estar com quem se ama.

Marx (1978, p. 32) considera que: “Se amas sem despertar amor, isto é, se teu amor, enquanto amor, não produz amor recíproco, se mediante sua *exteriorização de vida* como homem amante não te convertes em *homem amado*, teu amor é impotente, uma desgraça.”

Marx (1978), reconhecido por sua imensa e intensa produção acerca do desenvolvimento e do modo de produção capitalista, não deixa de ser sensível e de apresentar elementos significantes. Para ele, seria um fracasso o “homem amante” não se tornar um “homem amado”. Entretanto, há uma esperança em considerar que o amor sentido por alguém possa produzir o mesmo. Ao mesmo tempo, há grande possibilidade de frustração, por depender da vontade e do sentimento do outro. Para saber, é preciso viver os mistérios e as incertezas. É o que diz o trecho da poesia “Um pedaço de mar da Bahia”, de Junqueira (2007, p. 15): “O amor é como o mar... Ora calmo, ora revoltado... Sempre cheio de mistérios... A gente pode ficar na margem ou se entregar... Amar é se entregar à incerteza do mar.”

7. Amor leve: uma outra forma de amar

Sonhar com um amor sólido, líquido, ou gasoso, exige alguns cuidados a partir de Bauman (2004), compreendendo que o líquido remete ao processo de fragilização e rompimento dos vínculos humanos. Assim, o Amor Leve faz menção ao convívio não retilíneo e à forma como o sujeito lida com essas questões.

Sólido pode ser compreendido como algo “certo”, “exato”, “firme”, “para sempre”, mas também como denso, brutal e assustador. Temos que apreender os modos dessas relações, além do que essas relações tentam nos dizer.

O Amor Sólido, por exemplo, está em várias expressões e atitudes. A conhecida frase “Amor só de mãe” faz parte desse debate. Por isso indagamos: O amor de mãe é inato ou construído? Quanto dura? O que e quanto suporta? Badinter (1985) demonstra que esse sentimento é construído e passa por variabilidades conforme o período histórico e cultural. O amor materno pode fazer parte de uma relação entre mãe e filho, ou não. Pode ser intenso ou fragilizado. Nessa ótica, então, o “Amor só de mãe” não escapa da liquidez das relações.

Outra frase conhecida: “A fila anda”, mais usada em termos de relacionamentos, compara o acontecimento com uma fila no ponto de ônibus e expressa um consolo e uma esperança, como se o próximo “ônibus” não fosse demorar a passar. Entretanto, ônibus atrasam, quebram, e nem sempre levam ao lugar desejado. A depender da forma como o sujeito se coloca na comparação da frase citada, como ônibus ou alguém na fila, é possível refletir de várias maneiras.

A imagem da fila, na verdade, não é uma fila, e sim, um *next*. Questão que não está muito distante da banalização do ato de conhecer o outro e se relacionar, ou seja, o outro como descartável. Uma forma também de manter a possibilidade de conhecer outras pessoas mais interessantes. Considerando ainda que: “Quando a qualidade o decepciona, você procura a salvação na quantidade. Quando a duração não está disponível, é a rapidez da mudança que pode redimi-lo.” (BAUMAN, 2004, p. 77).

A solidão, a ansiedade e o medo de ficar só podem acarretar estratégias de fuga do real. Fugas provisórias de curta, média, ou de longa duração, que surtem um efeito provisório de resolução e superação, mas ficam acomodadas em algum lugar na vida. Fugas para o consumo exacerbado, para a compulsão sexual, para o experimento e/ou intensificação no uso de substâncias lícitas e/ou ilícitas, entre outras atitudes. Não há uma regra para isso. Depende da história de cada sujeito.

Outro ponto relevante é a insegurança e o medo da responsabilidade. Não diferentemente dos relacionamentos, constituir família “é como pular de cabeça em águas inexploradas e de profundidade insondável.” (BAUMAN, 2004, p. 60).

Filhos provocam uma transformação na relação, pois “estão entre as aquisições mais caras que o consumidor médio pode fazer ao longo de toda a sua vida.” (BAUMAN, 2004, p. 60). Aquisições mais caras não somente pelo investimento financeiro, mas de tempo, afeto, cuidado e atenção. De acordo com Bauman (2004), ter filhos, além do desejo, implica a necessidade de reduzir ou abrir mão de projetos pessoais e profissionais. Por outro lado, podem ser fonte de potência para os pais.

Bauman (2004) traz a insegurança como uma das inspirações das fragilidades dos vínculos humanos. O Amor Sólido apresenta a disputa como ação integrante dos relacionamentos. Disputa que ocupa o espaço do diálogo e da compreensão. Disputa que evita o fazer junto, mas fortalece o “cada um por si”. Disputa que não considera as particularidades.

Na modernidade líquida, as pessoas cada vez mais disputam que se relacionam ou relacionam-se disputando. *Disputar é dois laços do mesmo sapato amarrados em si ou até mesmo um cadarço desamarrado onde alguém/ninguém avisa. Disputar é um cadarço desamarrado que a própria pessoa sabe, mas não acredita no tombo; prefere mudar o jeito de andar. E esse andar não leva a outro lugar senão ao egoísmo.*

Nessa lógica, a disputa acaba por desvalorizar o outro e acentuar o processo de enfraquecimento dos laços humanos e sociais, produzindo e reproduzindo a dificuldade de lidar consigo, com o outro, com o estranho, ou seja, com os outros modos de vida.

8. Considerações finais

O Amor Leve, aqui, tem o sentido de liberdade e leveza. Esse amor não é perfeito e para ele não há receitas, mas valores. Não é um amor sem desafios, sem conflitos, sem desentendimentos.

O Amor Leve não é um amor pesável, quantificável – embora o termo “leve” aponte para essa associação numa primeira aproximação –, e sim possível de ser vivido de maneira saudável; um amor que não se prende a calendários, atemporal, e que não tem o “para sempre” como condição de permanência, pois o “para sempre” pode produzir acomodação. No Amor Leve, não se tem o outro como posse, para não se tornarem propriedades um do outro, mas como companheiros(as).

A partir de Bauman (2004), percebe-se que as fragilidades dos laços humanos indicam outro caminho, uma *outra* forma de relacionar-se, em que a singularidade e o desejo do sujeito não se submetam, impositivamente, às condições externas a ele. O Amor Leve, enfim, não é uma utopia, mas condição vivenciada e desejada por muitos, sendo um amor desobediente às imposições culturais, sociais, políticas e ideológicas...

Referências

- ARRUDA, Daniel Péricles (Vulgo Elemento). Constelação de Ideias. São Paulo: Scortecci, 2011.
- BADINTER, Elisabeth. *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- BAUMAN, Zygmunt. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos vínculos humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- DJAVAN. *Flor de Lis*. CD A voz, o violão, a música de Djavan. Som livre. Rio de Janeiro, 1976.
- DJAVAN. *Oceano*. CD Djavan. CBS. Rio de Janeiro, 1989.
- GIL, Gilberto. *Drão*. CD Um banda um. Warner Music. Rio de Janeiro, 1982.

JUNQUEIRA, Cássio. *Só a pessoa sabe o que tem por dentro*. São Paulo: Edicon, 2007.

MARX, Karl. Manuscritos econômico-filosóficos. In: *Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

MORAES, Vinícius de. *Livro de Sonetos*. 14 ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1983.

MORIN, Edgar. *Amor, Poesia, Sabedoria*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

RILKE, Rainer Maria. *Cartas a um jovem poeta*. Porto Alegre: L&PM, 2009.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. Separação. In: STRAUSZ, Rosa Amanda. (Org.). Affonso Romano de Sant'Anna; Manuel Bandeira; Olavo Bilac. *Três homens falam de amor*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

TATIT, Isabel e ROSA, Miriam Debieux. Pra não dizer que Freud e Lacan não falaram da solidão. *Rev. Psicol. Saúde* [online]. 2013, v.5, n.2, p. 136-146. Disponível: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rpsaude/v5n2/v5n2a09.pdf> Acesso em: 07 abr. 2018.

Recebido em 01/07/2019.

Aceito em 12/09/2019.